

CONCURSO

DE POEMAS

UFESJ



CONCURSO DE POEMAS

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI
2019**

Universidade Federal de São João del-Rei – UFSJ
Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários – PROEX

Reitor:

Sérgio Augusto Araújo da Gama Cerqueira

Pró-Reitor de Extensão e Assuntos Comunitários:

Prof. Ivan Vasconcelos Figueiredo

Diretora da Divisão de Projetos e Apoio à Comunidade Universitária:

Telma Valéria de Resende

Chefe do Setor de Projetos Artísticos e Culturais:

Aline Braga Resende

Organização e execução:

Aline Braga Resende

Colaboração Especial:

Thais Andressa da Silva (Estagiária)

Comissão Julgadora:

Prof^ª. Enói Miranda Barbosa Mendes

Prof. José Antônio Oliveira de Resende

Prof^ª. Magda Velloso F. Tolentino

Prof^ª. Deborah Walter de Moura Castro

Capa (Foto): Thais Andressa da Silva

Design Gráfico: Everton Barbosa Valadares

Editoração eletrônica: Thais Andressa da Silva

Divulgação: Assessoria de Comunicação Social (ASCOM)

A Universidade Federal de São João del-Rei apresenta com muita satisfação o e-book dos 30 primeiros colocados no Concurso de Poemas. O concurso é nacional, de tema livre, para todos e, através dele, reforçamos nossa vocação extensionista e cultural, pois damos oportunidade a todos de expressarem sua arte literária! Procuramos também promover o hábito da leitura, sobretudo entre as gerações mais jovens!

Agradecemos a colaboração de todos os autores que participaram desta edição, bem como o valioso trabalho da comissão de avaliação. Desejamos a todos uma boa leitura!

Aline Braga Resende
Chefe do Setor de Projetos Artísticos e Culturais
Centro Cultural UFSJ

Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários

Poemas Premiados

1º lugar

Ela

Fernanda Geralda Nascimento

2º lugar

O pássaro amanhecido

Antonio Rosalvo Ribeiro Accioly

3º lugar

Na curva que o vento faz

Matheus Almeida Ramalho

ÍNDICE

Poemas Classificados

| | |
|-------------------------------------|----|
| ELA..... | 11 |
| Fernanda Geralda do Nascimento | |
| O PÁSSARO AMANHECIDO..... | 13 |
| Antonio Rosalvo Ribeiro Accioly | |
| NA CURVA QUE O VENTO FAZ..... | 14 |
| Matheus Almeida Ramalho | |
| SONETO DE UMA TARDE DE DOMINGO..... | 16 |
| Mario Feitosa | |
| ADVERBIALMENTE..... | 17 |
| Suzana Luiz França Batista | |
| CRISTAIS DE AMÉLIA..... | 18 |
| Leandro Marinho Lares | |
| ELA É NÉLIDA PIÑON..... | 19 |
| Marcos Oliveira Mendes | |
| TUDO OU NADA..... | 20 |
| Dalva Maria Lara Correa Dias | |
| VIDE O VERSO..... | 21 |
| Paulo Gustavo da Encarnação | |
| À LA BAUDELAIRE..... | 22 |
| Natália Cordeiro Freitas | |
| NANQUIM..... | 23 |
| Lilian Velleda Soares | |
| TOQUE PARA ENTRAR..... | 24 |
| Thales Vinícius Silva | |
| FALÊNCIA MÚLTIPLA DE ORGÃOS..... | 25 |
| Carolina Meyer Silvestre | |
| (SEM TÍTULO)..... | 26 |
| Laiene Belmonte da Costa | |
| TEATRO COTIDIANO..... | 27 |
| Núbia Vale Rodrigues | |

| | |
|---------------------------------------------------------|----|
| NOVOS TONS DE LUIZA..... | 28 |
| Gabriela Gaia Diniz | |
| RUMOR DE NUVEM1..... | 30 |
| Denise Martins Freitas | |
| OBITUÁRIO..... | 31 |
| Thales Trindade de Moura | |
| DO AMOR EU QUERO A QUÍMICA..... | 33 |
| Jhonatan Alves Pereira Mata | |
| EM ALGUM LUGAR DAQUI..... | 35 |
| Sérgio Corrêa Miranda Filho | |
| NO PALCO DA VIDA..... | 36 |
| Thiago Rezende Soares | |
| RECOLHIMENTO..... | 37 |
| Sylvia Odinei Cesco da Silva | |
| DESCONFORME..... | 38 |
| Taiane Figueiredo de Andrade | |
| AS AVENTURAS DE LAURA ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS..... | 40 |
| Nelson Nunes dos Santos | |
| A RUA..... | 42 |
| Neuzi Barbarini | |
| POÉTICA..... | 43 |
| Maria Beatriz del Peloso Ramos | |
| O VERSO E A PROSA..... | 45 |
| Luís Pimentel | |
| APENAS UM RIO..... | 47 |
| Jacqueline Lopes Salgado Soares | |
| ENTRE TINTAS..... | 49 |
| Thais Lima e Sena | |
| SORRISO NEGRO DE MARIELLE..... | 50 |
| Claudio Gonçalves Guadalupe | |

ELA

Ela é raiz
é semente
a serpente.
Ela é tormenta
é muralha
a imensidão.
Ela caminha nas nuvens
derruba o vento
é a tempestade.
Ela é o meio e a estrada
a margem...talvez a terceira de Guimarães...
Deságua,
cachoeira em lágrima viva.
Ela é o próprio oceano.
É o óvulo e o fluxo,
o princípio.
Ela é a história, é a memória
Negra.
O cabelo livre, o corpo nu
a pele solta
os olhos de águia e as unhas de fera
a boca e a saliva
o sabor.
Ela é a filha, a mãe e a avó numa só
Sangue.
Ela é o impulso, o improvisado
o sem norte,
ela é o sul, a América.
Entre o medo e a chegada
ela é a descoberta
o ponto de partida
a despedida.
Ela é o sexo e o purgatório

o corte e a ferida em carne viva.
O milagre e o pé no chão.
O instante e o pra sempre.
Ela é o tempo
ela não começa
ela não termina
Calmaria.

É o belo e o ridículo
É o fundo, o poço
A salvação. É loucura e desalinho
é o grit
o
Poesia.

Fernanda Geralda do Nascimento

O PÁSSARO AMANHECIDO

Impelido pelos ventos
voei dos ombros do sol
aos abismos do dia.
Impelido pelos ventos
penetrei no vazio do mundo
fui ao infinito de Deus
e toquei no silêncio dos anjos.
O vôo existe porque existo.
E isto me deixa atônito
e eu me abismo no espanto dos homens
e o poeta me encanta nos versos
dizendo que minha sombra é mais rápida
que os passos mais rápidos duma gazela
e que a amplidão é a minha cela
onde meus pios gritos e cantos
misturam-se aos delírios das tempestades!
O espaço comunga meu corpo.
A eternidade dos ventos me habita.
Não tenho braços.
Tenho asas.
Sei das auroras porque amanheço.

Antonio Rosalvo Ribeiro Accioly

NA CURVA QUE O VENTO FAZ

Na curva que o vento faz,
Esconde o segredo da vida.
Fecunda o mistério da morte,
Mistura sentença e dívida.
E no prato, a existência,
É sempre muito bem servida.

Absurdo é o mistério da vida,
Existe dando vida a morte.
É palco do próprio infortúnio,
Cálice da amarga sorte.
Começa já chegando ao fim,
Como vento na direção do Norte.

A morte é o poente da vida,
A esconde para o amanhecer.
É o eclipse da existência toda,
A noite para o alvorecer.
É a vida sem o brilho da vida,
Sem o sentido do seu próprio ser.

Dizem da vida no padecer,
Como força para além da sorte.
Mata a morte, quando a morte reina,
E volta a ser vida, a partir da morte.
Assim a morte quando morre é vida,
E a vida quando mata é morte.

Uma se confunde, na da outra, a sorte,
E o mais difícil para mim consiste:
Como é que a morte pode ser vencida,
Se a vida que vence é a que não existe?
A vida não morre quando morre a vida,
Ou vida na morte ainda persiste?

Matheus Almeida Ramalho

SONETO DE UMA TARDE DE DOMINGO

Quando deito minha nuca em tua coxa,
Fecho os olhos e, da vida dolorida,
Quase esqueço cada dor, cada ferida.
Guardo os tempos detestáveis numa trouxa.

Traz-me o sono tal se fosse dona minha
Com teus dedos carinhando meus cabelos.
Para sempre no meu corpo quero tê-los
Feito espada a qual repousa em sua bainha.

Se, no susto, me desperto em pesadelo,
Afundando nas angústias do passado,
Dá-me um beijo que retorno à calmaria.

Vou contar em mil palavras teus encantos:
Traduzindo eles em versos nos meus sonhos,
Eu transformo nosso amor em Poesia.

Mario Feitosa

ADVERBIALMENTE

Nas treliças do tempo,
placidamente,
os sonhos
florescem
fluem
fruem
alterando
harmoniosamente
o colorido dos verbos.

Em versos brancos e
métricas soltas
a vida segue reticente
illogicamente
sem, contudo
deixar de ser poesia
em prosa
indelevelmente traçada
adverbialmente aquarelada
em tênues filetes de sol.

Suzana Luiz França Batista

CRISTAIS DE AMÉLIA

*somos nossa memória,
somos esse quimérico museu de formas inconstantes
esse amontoado de espelhos quebrados
Jorge Luís Borges¹ .*

o espelho se espatifou na estante, Amélia.
cortei os dedos catando os cacos,
vi meus olhos em milhares de outros,
vi os seus no mais oblíquo dos fragmentos.

o espelho se espatifou, Amélia.
lamentei a liberdade em lágrimas,
mas não sei se a angústia me ama.

o espelho, Amélia.
não veja só o reverso.

Leandro Marinho Lares

ELA É NÉLIDA PIÑON

Ainda que a colecionar antigas andanças literárias,
Foi esta uma terra rica que eu tarde conhecera.
Depoimentos, criatividade ou ambos em cena?
Pois bem, uma cesta de provocações.
Ela fala com palavras cheias,
Olhar de acalanto, face serena.
Com sábia escrita e refinadas intervenções,
Nélida é perspicácia e consciência crítica.
Ciente de seu lugar, She loves her husband:
Artilosidade viva a incitar reflexões sobre o status quo.
Escutemos e aprendamos, enfim.

Marcos Oliveira Mendes

TUDO OU NADA

Um verso não é nada
É apenas um verso
Parca linha rabiscada
Às pressas
De repente
Uma lágrima também é quase nada
É apenas uma lágrima
Gota de água salgada
Nos olhos
Da gente
Um verso muitas vezes não diz nada
E uma lágrima
Pode escorrer
Por coisa a toa
Mas quando escrevo um verso
Com lágrimas correndo
No meu rosto
Eu sinto lá no fundo
Que o pranto é muita coisa
E o verso é quase tudo!

Dalva Maria Lara Correa Dias

VIDE O VERSO ¹

Procurei no fundo das gavetas
Nos rascunhos jogados,
Deixados de lado,
Esquecidos, quase perdidos

Consultei as pontas dos meus dedos
Debaixo de minhas unhas
Nas mangas de minhas camisas
Nos cadarços de meus sapatos
Nos bolsos furados de minhas calças

Revistei todo cantinho da casa
Nas teias das aranhas nas paredes
Nos cantos dos sofás
E, claro, embaixo dos tapetes

Revirei as pedras do quintal
Investiguei os bem-te-vis,
Que, volta e meia,
Furtam grãos de ração de meus cães

Bisbilhotei dentro dos formigueiros
Nas folhas dos bem-me-queres
Nas acerolas caídas no chão
Na tristeza do olhar de meu cão

Procurei em todos os lugares
E não achei, confesso,
O poema que trazia apenas um único verso:
“Eu te amo, vide o verso!”

Paulo Gustavo da Encarnação

À LA BAUDELAIRE

Pontes, passarelas
Atravessam os andantes
Que por dor ou por destino
Caminham delirantes

A distância entre dois pontos
É sempre reta. Invariante.
Círculos e passos em falso
Se escondem, não obstante

Ansiar pelo futuro
É a sina dos passantes
Esqueceram de contar-lhes
Que só resta aquele instante

Sapato gasto, poeira
Sob a névoa cintilante
A linha de chegada
É o precipício dos errantes.

Natália Cordeiro Freitas

NANQUIM

Os delírios que eu sou e os que habito
fazem-me murmurar a primeira letra do teu nome
e completar palavras para que não me digam louca
girassol girândola ginete ginecológico
glóbulo sanguíneo e Glóbulo de Bok.
Os meus delírios fazem-me ver-te rever-te ver-te
na estrada em linha reta para Jaguarão
no rosto do moço do pedágio
no pão ázimo, no pão árabe e no pão francês que o padeiro amassa.
Os meus delírios são pedaços de dias impossíveis
suturados no reflexo dos azulejos brancos da cozinha
e nas horas tardias em que tuteio o chá.
Em mim delírio alucina
quando o vento vindo de longe
acarinha as árvores da rua
e na luz da noite que flutua, as sombras das folhas
atravessam os vidros da janela
e desenhavam apagam e redesenhavam
em nanquim, sobre o meu, o teu sorriso.

Lilian Velleda Soares

TOQUE PARA ENTRAR

Toque pra entrar
Pois aqui verás meu mais profundo vazio
Toque para que eu te ouça
E possa rapidamente ajeitar o mais hostil
Dos segredos que carrego
Mas não pense que te escondo algo
Tudo que lhe mostro é real
O resto eu apago
Não há resto quando tu entra
O real é o que construímos
O verdadeiro é o que nos importa
Não se esconda atrás da porta
Aqui há um mundo caso queira ver
Prometo não te prender
Pois o que vejo é algo
O que te mostro é espantoso
O que verá é inédito
Por se tornar tão curioso
É todo seu o crédito
Mas suplico de joelhos
Não entre sem bater
A mercê da força não posso me conter

Thales Vinícius Silva

FALÊNCIA MÚLTIPLA DE ÓRGÃOS

A fome não contem glúten
Nem lactose

A violência não respeita
Cotas raciais

O desemprego não tem participação nos
Lucros da empresa

A poluição não tem interesse no
Aquecimento global

O hoje não quer saber do
Amanhã

O futuro apenas nos aguarda
Na sala de espera
Com visível desdenha
Sem precisar tirar senha

Carolina Meyer Silvestre

não há nada mais abstrato
do que o seu retrato em instantes
nos meus sonhos.
tento decifrar o motivo,
talvez você ainda esteja vivo,
agonizando em alguma esquina
da minha memória.
é como se você fosse uma parte da história
que eu lembro de esquecer todo dia.
é como se eu tivesse que remover
estilhaços do meu corpo sem anestesia.
pedaços do castelo de vidro que você criou
dizendo que me protegia.
agradeceria a preocupação comigo,
mas a dispenso.
não sou uma donzela em perigo,
não preciso de proteção.
eu abro as asas pro vento,
brinco com dragão.
não te quero como inimigo,
não quero acreditar que amar é castigo, não!
faço meus braços de abrigo,
me entendo com a solidão.
seu sopro não me derruba,
sou filha da tempestade,
seguro um trovão com as mãos
solto relâmpagos na escuridão
pra clarear o caminho
daquelas que virão.

Laiene Belmonte da Costa

TEATRO COTIDIANO

Há mais para ser visto, mas mãos ossudas ataram vendas em seus olhos
Com elas você não chora a barbárie, nem ri da banalidade poética.
Unhas compridas puxam os cantos da sua boca em um sorriso amarelo.
Mãos geladas tampam seus ouvidos, e assim você não escuta os gritos
Dos que se desvencilharam das garras e se deixaram rasgar.

O cheiro é de podridão, carne putrefata engarrafada em frascos caros
Essência do vazio, diz o rótulo.
Sua pele não se atreve a sentir muito, sua pele fria e esquelética
Só dá nós em vendas, tampa ouvidos e estica falsos sorrisos.

A mão desce lentamente até o pescoço e aperta
arranha
sufoca
esgana
E logo retorna para compor a máscara
São tuas mãos que te matam e aprisionam.

Engrenagens dos sentidos do homem marionete
Fantoche ensaiando sua sempre adiada entrada ao palco
As cortinas e coxias lhe parecem confortáveis
É um personagem de morte vagarosa e vida insípida.

Núbia Vale Rodrigues

NOVOS TONS DE LUIZA

(Resposta à obra “Luiza”, de Tom Jobim)

Amador,

Já foste profissional em me levar a nado para a lua.
Nua, me banhavas com as sete cores do arco-íris
E me derretias sobre argila preta
Tão macia e escandalosa quanto tuas partidas
Tua voz, desprendida, colava no meu ouvido enquanto levavas contigo
o que
sobrava do amarelo do meu corpo

E hoje... hoje me queres amarelada como a tua lua!
Que já não é mais nossa
E tu já não és mais meu
Meu desejo não é o teu

Os raios de luz que em mim incidem
Não insistem antigas brechas
São hoje minhas frestas, das farpas desse amor

Nelas,
Nesse vão entre vitrais,
Vês que olhar esse meu? Brilha um cristal não polido
Dou de ombros... um suspiro!
Trazendo certezas nas mãos

Não quero teus sete mil amores encardidos
Quero de volta minhas sete vivas cores
E quando lembro de ti, danço sozinha
Tirando um véu
De
Cada

Vai, não vem.
Que o teu silêncio é a surpresa cantada
Em todo novo alvorecer
Talvez eu veja as pálpebras do sol inchadas...
Elas escorrem a cor que eu deixei para ti.

Luiza

Gabriela Gaia Diniz

RUMOR DE NUVEM1

De alto a baixo o vazio deita ausente no universo.
A imensidade bravia ganha, de vaga em vaga
(como um vento alvoroçado demolindo a vida),
o vasto vale onde a leve ideia da calma pasce.

Num estardalhaço apresentado aos astros, assustado,
o céu sem chama estampa a estranha cor castanha.
Cor igual à da lama que toma as fartas águas claras dos rios
quando o mesmo céu se desmonta e tomba sobre terra.
Então o espaço inteiro ronca destroçado na tormenta atordoada.

Agora a fúria arrefece.
O ar parado oferece seu silêncio falso.
Devagar a luz avança. Desde o leste intangível
acende o seco dos ruídos corriqueiros
com as mãos mansas na manhã ainda úmida.

Denise Martins Ferreira

OBITUÁRIO

o traquejo do corpo
é inclinar
cada vez mais
ceder
se der
até que o chão
não seja o limite
desaparecer
completamente
do mundo
do país
da cidade
do bairro
da rua
da casa
de si

pesquisas apontam
quais vidas importam
e o sangue
engrossa gráficos
lava calçadas
tinge suas mãos
e em vão desejamos
viver intensamente
mas todos os dias
há um trajeto a percorrer
itinerários do submundo
hades conduz centenas
pelo vale da morte
um obituário cotidiano
se não por violência
por omissão

falam o tempo todo por nós
e cansados estamos
tiraram-nos tudo
mesmo os sonhos
foram todos ceifados
morremos todos os dias
se não por violência
por falta de norte
dormimos com a morte
tocamos a morte
valsamos a morte

ainda que andássemos pelo vale da sombra
dançaríamos com a morte
flertaríamos com a morte
e pediríamos sedentos
tempo pra viver
como alguém que
por algum motivo especial
não virou estatística
expectativa de muitos
sorte de poucos
tarefa de gente miúda
é entrar com o corpo pra história

Thales Trindade de Moura

DO AMOR EU QUERO A QUÍMICA¹¹

Minha poesia agressiva
Morta-viva
Fere a laringe da divagação
Escalavra
Toda e qualquer palavra doce
Fosse eu o arauto das boas novas
Não teria estas covas fundas nas folhas de rosto
Nem esse gosto de dissabor

Do amor eu quero a química
A balada rítmica dos feromônios
Quero anti-demônios
Eu quero Esther
Eu quero a mulher do fim dos tempos
Quero exemplos pra não seguir
Rir na cara sagrada da morte, depois dormir profano
Ser humano é um mal estar no mundo
O fundo cântaro das vontades próprias
Embebeda a urbe de amores líquidos

Vejam!

Os que desejam a paz querem encaixotá-la, pura,
Numa mala dura junto aos camafeus
Onde nenhum deus tem dó, nem acesso
Onde o excesso de joias antigas e palavras belas
Machuca as costelas magras da verdade em riste

Que deus te acode
Quando a primavera de Vivaldi
Já não toca?
Quando a quimera se choca fria
Contra um sol metafísico do meio dia?

Do amor eu quero a química
A língua-carne em desparalisia
A pneumonia de pulmões
que são dor, mas e daí? São quentes
A alegria boba das gentes
Já não me encanta, nem me descontenta
Sedenta de nada
Minha alma pelada
Numa agonia visceral
Quer dançar com Anjos desperfumados
Em plena terça de carnaval

Jhonatan Alves Pereira Mata

EM ALGUM LUGAR DAQUI

Na rede uma perna caída de Rosário, bronze
na pobreza seminua da tapera
água pouca dos olhos entranhando o algodão
num rito de lágrimas e espera.

Na rede a sombra de uma criança fria
descansando infortúnios
a de sempre fome cobrando em vidas
o que não há em pão
na mais longa e injusta dívida da história.

Na rede as velhas sertanejas, mães
do silêncio e do abandono
contando tempo e estrelas já mortas
num céu que sonega chuva ao milho e ao feijão
lugar agora de bois magros
promessas de carniça ao sobrevoo dos urubus.

Na rede um trabalhador e sua miséria
os braços entregues a espantar moscas
em seu balé aéreo e sanguinário
— um homem e sua pré-morte
vista pelos olhos, degustada pela língua
certeza em cada poro, cada músculo, cada osso
desprovidos de ânimo e coragem
como se fossem uma cobra
que já não sabe rastejar na pedra e no pó.

Na rede o sexo sem vida
de pai com mãe
inaugurando outro filho
para ser no que quase não vive.

Sergio Corrêa Miranda Filho

NO PALCO DA VIDA

A vida é cheia de sorrisos e lágrimas,
de imaginação e realidade,
de sabedoria e intolerância,
de paz e esperança.

Daqui por diante
não quero ficar na plateia
para atuar no teatro da vida
de forma lúcida e ascendente.

Os dias vêm e vão
e quero viver com toda minha intensidade.
Abrir as cortinas e entrar em cena com veracidade.

Eu não estou nesse mundo somente de passagem,
mas para deixar minha marca, magia e legado
com uma bela mensagem.

Às vezes o meu rosto está mascarado
para esconder minhas dores e tristezas internas,
mas sei que sou um vencedor por estar aqui
e serei um grande artista da minha própria existência.

Thiago Rezende Soares

RECOLHIMENTO

Ah, essa nuvem escondendo a tua ausência
Ah, essa consciência expandida em não te ver
É por certo a minha versão mais dolorida
Que me chegou como um punhal de aço cortante
Sobre minhas carnes trincadas entre os dentes
Em desalinho tal qual semente intermitente
Rubra entre as notas das canções que canto
Em displicentes acordes de acalanto...

Ah, essa minha nova tradução ao fim da vida
A querer furar sinais pelas esquinas
Enquanto as luzes de neon vão se acendendo
Pra escancarar suas mentiras coloridas
Despejando sobre uma gente fugaz e esquecida
Promessas de um mundo azul de flores casuais
Em perfeitos controles das teclas virtuais
Sobre a liberdade de ser que tanto me fascina

Hora de recolher as sombras e os vazios
Tempo de mudar vírgulas por reticências
Já que nunca serei mulher de ponto final
E de sentir medo diante do desconhecido:
Desde cedo meu jardim foi cultivado
Com a paz das margaridas e hortênsias
E se ainda existem pedaços de ti neste meu ninho
É porque toda saudade enfim é imortal.

Sylvia Odinei Cesco da Silva

DESCONFORME

Os traços são dele
A moldura é dele
A assinatura é dele
Mas a alma, não.
A obra se assemelha,
Mas, de fato, não se espelha no artesão.

O compositor é cubista,
Antropo-surrealista,
Vanguarda do pós-moderno.
A obra é feita do artista,
Mas prefere o lado intimista
Que o hodierno.

Quieta, ela se ressentida
de um criador tão disperso.
Alguns reivindicam estar perto
e ele, o inverso.
O autor prefere o rabisco,
e ela admira o primor.
Ele vive de risco, ela, de amor.

O artista não é perfeito,
tampouco a criatura.
Mas se a ela ele fosse afeito,
como jura,
não haveria ruptura.

Mas a marca dele está nela.
Os mesmos traços negligentes
que, apesar do transtorno,
são inerentes.

Ainda que ele ignore
o erro que lhe consome,
se um dia o artista morre
sem feito que o aclame,
virá dessa mesma obra,
que hoje tanto lhe cobra,
a glória do seu renome.

Taiane Figueiredo de Andrade

AS AVENTURAS DE LAURA NO PAÍS DAS MARAVILHAS

Laura brada,
Alice sorri.
No buraco do coelho,
Uma desce; a outra escala.

Laura chora,
Alice encolhe.
Na lagoa de lágrimas,
Uma afunda; a outra navega.

Laura come bolo,
Alice bebe chá.
Na companhia dos loucos,
Enigmas para se decifrar.

Laura dança,
Alice se espanta.
No caminho da escola,
Uma corre; a outra descansa.

Laura voa,
Alice se vê no espelho.
Na sala de casa,
Uma dorme; a outra sonha

Laura escreve um poema,
Alice lê uma revista em quadrinhos,
Na biblioteca da escola,
Uma espera; a outra aprende.

Laura não se rende,
Alice se entrega.
Numa esquina qualquer,
As encruzilhadas se multiplicam.

Laura suspira,
Alice sai ao sol.
Na mesa do bar,
Uma entende; a outra esquece.

Laura ama,
Alice odeia,
No balanço do mar,
Uma sente; a outra chora,
Uma enjoa; a outra implora,
Uma termina; a outra não se demora.

Nelson Nunes dos Santos Júnior

A RUA

A rua se oferece:
toquem-me os que se arriscam
na incosequência dos dias curtos.
Ouçam meus sons,
o que ofereço
na cacofonia
é a poesia perfeita
que não será jamais escrita,
pois há que seguir inventando as palavras.
Ofereço aos corpos
calores,
frios,
chuvas de vento
rompendo guarda-chuvas.
Nada guardo,
cena mutável,
sou sempre passado
que não consta dos livros de histórias.
Sou malícia,
malandragem,
recato,
traquinagem.
Sou noturna,
mistérios,
perigos,
adultérios.
Sou pedra,
sou ar,
sou corpos,
a passar.
Hoje sou sua,
amanhã, quem sabe?

Neuzi Barbarini

POÉTICA

Sou uma poética em trânsito
procuro na arquitetura da linguagem
a vizinhança sonora do poema
entre múltiplas vozes na paisagem

Quero atravessar este campo envolto
em veste deslisável, pele vaporosa
e desfiar a palavra em sílaba, fonema
pelo caminho de trilha pedregosa

Ando por tal território há muito ocupado
travo guerra conterrânea rumo à lírica
sou combatente precário, com verso falho
copista desarmado incapaz de rompante

Poema, quanto mais tentas mostrar-te,
mais te ocultas, vivo no eixo da tua procura
desdobro sentidos à cata do melhor verso
mas só te tenho mudo, na escritura impura

És chão fértil, porém devoluto,
escrevo-te no subsolo, fundo trabalho duro
quando imagino-te materializar em realidade
ganho o inalcançável de teu grafismo puro

Persigo tua tecitura mesmo em ausência
pressinto, pressentes que nos encontraremos?
Mas escapas escorregadio, desencaminhado
impedindo-me a posse, oh, ser custodiado!

Suspiro por uma escrita viva, inspirada
que habite um corpo, vasto todo maleável
e nele imprima meu resíduo imaginário
pulsando em mim estéril, desnortado

Busco o fazer além da plumagem
lugar onde meus bens poéticos falem por si
mesmo sob o clã das palavras gastas
minha voz possa ocupar lugar na linguagem

Por fim, puxo o fio do mínimo morfema
onde tudo começa e me jogo em luta sã
reescrevendo meu interminável poema
a quem me entrego “mal rompe a manhã”.

Maria Beatriz del Peloso Ramos

O VERSO E A PROSA

*“Fui pássaro e onça, criança e mulher.
Numa tarde de sombras fui teu passo”.*

Hilda Hilst

Pra ela, ele foi um laço;
pra ele, ela foi rainha.

Domando a vida no braço:
esteira, enredo, casinha.

Foi mãe em noites de sede,
pirão nas horas de fome.

Pra ela, ele foi mormaço
no fogo que se consome.

Por ele, deixou disfarces,
queimou roupas e navio.

Sem medo do desenlace,
foi corredeira no cio.

Descobrimo, a cada dia,
recados de outras vidas.

Juntou-se à casca do asfalto,
cortou versos e partidas.

Tudo o que pudesse, à noite,
comprometer sua prosa.

Pra ele, gozo e açoite;
pra ela, espinho sem rosa.

Luís Pimentel

APENAS UM RIO

“O homem que volta ao mesmo rio, nem é o rio o mesmo, nem o homem é o mesmo homem.”

Heráclito de Éfeso

Sou um rio de Minas

[de minas...

Vivo de nascentes, barragens, barranquilhas,

Não tomo as rédeas do tempo

Nem o prumo de minhas trilhas.

Sou êxtase, assombro, esplendor,

Sou fio que desce absorto

Indo cada vez mais morto

Ao mar que anseia minha dor.

Sou delírio que tomba raízes

Ao umbral da liturgia,

Peso imposto no dorso

Pela mineralogia.

Desnudei almas e flores

Com o frio que impõe os vales

Nem o zelo da Mãe-d'água

Evitou todos os males.

Meus peixes, desenxabidos,

Cobertos de ferro e escama,

Seguem na escolta comigo

Se debatendo na lama.

Quisera ser só mais um rio
De água pouca ou de abundância,
Sem ser berço de rejeito
Lixeira dessa ganância.

Jacqueline Lopes Salgado Soares

ENTRE TINTAS

O sorriso mudou
de rumo e seguiu
o vento.

Trouxe ao jogar de ombros,
o balanço da saia em flor,
atento.

O rubor da face acompanha a boca
que ao encontro dos olhos
se fez e riscou
o tempo.

A boca que beija tem sede.
E a arte ao toque sente a pele.
Ao tocar macio
apertam.

Mistura-se tintas.
Deslizam beijos em cor
e sobre a tela em branco
deitam.

Os dedos rabiscam traços.
No instrumento as notas mais doces
se fazem
tocar.

E feito música saia em flor
balançam e dançam
entre tintas
no ar.

No laço, as pernas
que bebem o licor
queimam.

Em tons
quentes os lábios
a se procurar.

Entre sombra e luz
ao dançar.
Escorre a gota alcoólica e doce.
Que a boca não quer
derramar.

Nos lençóis rabiscados
os cabelos, e o perfume em tinta
misturados.

Em desenho no quadro estão
as flores no chão
agora ao lado.

E caem em abraços tímidos
adormecem suave
em afagos.

Inundadas a luz do dia
em riscos na tela.
Que vem contornando
a pintura
através da janela.

Thais Lima e Sena

SORRISO NEGRO DE MARIELLE

Sim, mataram a Marielle!
Mas como se ainda há pouco
Aludia-se à espantosa força
Das vozes nos vivos guetos
Num voto audaz da favela?

Mataram sim, as Marielles...
Por quê? Porque haviam dúvidas
Das suas diversas formas de amar
No gozo de uma música inusitada
Nos barracos, nas ruas e nas vielas?

Matam! Marielles são mortas!
Senão pelas mãos dos que as aflagam
No corpóreo domínio e no estupro,
Ou pelas mortes antes anunciadas
Nos números ligeiros que as calam?

Mas matam! Marielles são mortas!
Senão porque são jovens felizes
No limbo de uma oficial história...
Ou porque seriam em sexo diverso
E não caberiam na ferina escória?!

Matam, mataram a Marielle!
Onde? Em nossas próprias casas
No estridente discurso da mentira.
Ou nas ruas? Nas esteiras do ódio
Que apodrecem numa fatal loucura.

Matam, mataram a Marielle!
Por sua imagem...o sorriso negro
Que desancava a senil escravatura
Denunciando o nexo entre o medo
E a ordem branca da fabril ditadura?

Matam, não apenas a Marielle!
Mortas muitas, os corpos suaves
Abrejados nos fundos subúrbios
Compartilhados pelos celulares,
Sucursais de notícias e entulhos?

Mas matam! Marielles são mortas!
Senão pelo abuso e o descaso
Que a guerra civil sempre nos traz:
As jovens, Marielles das periferias,
Jazem, pelas manhãs, corpos já frios...
Aqueles que enganariam os destinos,
Já perdidos, na cilada da democracia!

Mas como as matam? Marielles são mortas:
Friamente, nos negados e inférteis sonhos
Estatalmente, na falência dos seus direitos
De quem só se cala, mas não consente
As mortes várias da vida, diuturnamente!

Matam, mataram friamente Marielle!
Por aquilo que querem esconder:
O conluio entre o militar e o roubo
O contrato do capital com o vício
Nas entranhas de todo poder!

Então aos leres a notícia, denuncie:
Matam, mataram a Marielle, sim!
Assim, como hoje nos furtam todos
Os frutos arrastados para a escuridão
No opressivo e veloz golpe da traição!

Claudio Gonçalves Guadalupe

SOBRE OS AUTORES

Fernanda Geralda Nascimento

Natural de São João del-Rei, exerce a atividade de atriz profissional desde 2009. Formada em Letras pela UFSJ em 2001, escreve desde os 16 anos. Participou do Concurso Literário de *Hay Kay* promovido pela UFSJ em 2010.

Título da obra: ELA

Localidade: São João del-Rei - MG

Antonio Rosalvo Ribeiro Accioly

Natural do Rio de Janeiro. Escreve desde os 20 anos de idade. Já foi premiado em vários concursos literários.

Título da obra: O PÁSSARO AMANHECIDO

Localidade: Nova Friburgo - RJ

Matheus Almeida Ramalho

Acadêmico em Enfermagem pela Universidade Federal de Goiás-UFG. Egresso do Programa de Educação Tutorial - PET, monitor da disciplina de Saúde Coletiva e membro integrante da Liga Acadêmica de Oncologia Clínica-ONCOLIGA da Faculdade de Medicina da UFG. Escreve desde os sete anos de idade. Ainda não possui nenhum livro publicado. Participou de um concurso literário.

Título da obra: NA CURVA QUE O VENTO FAZ

Localidade: Jataí - GO

Mario Feitosa

Músico e compositor popular, Mario Feitosa é autor de cinco livros inéditos, especialista em tecnologia, editor da revista virtual *Covil da Discórdia* e redator de marketing digital. Prosador por escolha, é na Poesia que deixa escapar o que ameaça explodir seu coração. Paulista de nascimento, radicou-se em Pernambuco e, lá fincou suas raízes.

Título da obra: SONETO DE UMA TARDE DE DOMINGO

Localidade: Serra Talhada - PE

Suzana Luiz França Batista

Natural de Patos de Minas, reside em Divinópolis (MG) desde 1984. Exerce a atividade de secretária executiva em órgão público estadual. Escreve desde os 16 anos. Tem dois livros publicados com a participação de outros autores. Participou do Concurso de Poemas da UFSJ em 2017, e de vários outros concursos literários.

Título da obra: ADVERBIALMENTE

Localidade: Divinópolis - MG

Leandro Marinho Lares

Natural de Lavras (MG). Exerce atividade de iniciação científica no curso de Letras da Universidade Federal de Lavras (UFLA). Escreve desde os 15 anos e tem um livro publicado.

Título da obra: CRISTAIS DE AMÉLIA

Localidade: Lavras - MG.

Marcos Olveira Mendes

Natural de Irecê (BA), é analista na CEMIG. Sua ligação com a literatura surgiu ainda na infância. Tem diversas publicações e foi finalista com dois poemas dos concursos: SESI/MG e *Prêmio Poesia Agora*.

Título da obra: ELA É NÉLIDA PIÑON

Localidade: Belo Horizonte - MG

Dalva Maria Lara Correa Dias

Aposentada pela Prefeitura de Belo Horizonte em 2000 (professora alfabetizadora, coordenadora de turno), por 17 anos ainda trabalhando como voluntária, com os projetos de contação de histórias para crianças e idosos e de educação ambiental e mobilização socioambiental; Projeto Brejinho - iniciado em 1998, e expandindo a área de atuação para 20 escolas da bacia hidrográfica do Ribeirão Onça, na zona norte de Belo Horizonte e Contagem, com o Projeto Pampulha Viva, desde 2006.

Título da obra: TUDO OU NADA

Localidade: São João del-Rei - MG

Paulo Gustavo da Encarnação

Natural de Guaratinguetá (SP). Doutor em História pela UNESP-Assis. É professor, historiador, compositor e letrista. Escreve há alguns anos e publicou alguns poemas em antologias.

Título da obra: VIDE O VERSO ¹

Localidade: São Bento do sapucaí - SP

Natália Cordeiro Freitas

Natural de Congonhas (MG). Exerce a profissão de professora. Escreve desde os 13 anos. Não possui livros publicados e nunca participou de concursos literários.

Título da obra: À LA BAUDELAIRE

Localidade: Congonhas - MG

Lilian Velleda Soares

É advogada e natural de Rio Grande (RS). Escreve desde 2004. Possui textos publicados na Coletânea “Colheita”, organizada por Hilda Simões Lopes Costa, em 2006. Participou do concurso “Jornada Nacional Passo Fundo”.

Título da obra: NANQUIM

Localidade: Pelotas - RS

Thales Vinícius Silva

É natural de Bom Sucesso (MG) e faz mestrando na área de Educação na Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ). Escreve versos desde muito cedo, mas este talento foi aflorado aos 20 anos, durante a graduação.

Título da obra: TOQUE PARA ENTRAR

Localidade: São João del-Rei - MG

Carolina Meyer Silvestre

Natural de Porto Alegre (RS), exerce atividade de redatora na capital gaúcha e escreve desde a infância. Tem um livro de poemas publicado e já participou de alguns concursos literários, resultando, como prêmio, em viagens para a Grécia e Inglaterra.

Título da obra: FALÊNCIA MÚLTIPLA DE ORGÃOS

Localidade: Porto Alegre - RS

Laiene Belmonte da Costa

É natural de Poços de Caldas (MG). Escreve desde os 16 anos. Possui livros publicados e já participou de três concursos literários. (Sem título)

Localidade: São João del-Rei - MG

Núbia Vale Rodrigues

É natural de São João del-Rei e graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Realiza oficinas de *Poesia Falada* e compartilha seus textos em fanzines e saraus.

Título da obra: TEATRO COTIDIANO

Localidade: São João del-Rei - MG

Gabriela Gaia Diniz

Natural de Belém (PA) é advogada especialista em Direitos Humanos, bailarina internacional de dança oriental e escritora. Sua ligação com a literatura teve início aos cinco anos de idade. Possui um livro publicado e participou de vários concursos literários paraenses.

Título da obra: NOVOS TONS DE LUIZA

Localidade: Florianópolis - SC

Denise Martins Freitas

É professora e natural de Rio Grande (RS). Escreve desde os 20 anos. Durante sua trajetória publicou quatro livros e participou de dez concursos literários.

Título da obra: RUMOR DE NUVEM1

Localidade: Porto Alegre - RS

Thales Trindade de Moura

É natural de Ribeirão Vermelho (MG). É mestre em Teoria e Memória Cultural. Foi finalista do 16º Concurso de Poesias da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ).

Título da obra: OBITUÁRIO

Localidade: São João del-Rei - MG

Jhonatan Alves Pereira Mata

Natural de Rio Pomba (MG), é jornalista, doutor em Comunicação e escreve desde os nove anos de idade. Tem dois livros publicados e participou de 20 concursos literários.

Título da obra: DO AMOR EU QUERO A QUÍMICA¹¹

Localidade: Juiz de Fora - MG

Sergio Corrêa Miranda Filho

É natural do Rio de Janeiro (RJ). Jornalista, escreve desde os 17 anos de idade. Possui dois livros publicados e já participou de inúmeros concursos literários.

Título da obra: EM ALGUM LUGAR DAQUI

Localidade: Nova Friburgo - RJ

Thiago Rezende Soares

É natural de Viçosa (MG) e técnico em informática. Escreve poesias desde os nove anos de idade. É autor do livro “As regras simples da vida”. Participou do 1º Concurso Literário Cine Belas Artes e do 30º Concurso Literário Internacional de Poesias, Contos e Crônicas.

Título da obra: NO PALCO DA VIDA

Localidade: Viçosa - MG

Sylvia Odinei Cesco da Silva

Nasceu em Campo Grande (MS). Formada em Letras, Pedagogia e Psicopedagogia; Publicou cinco livros: Guavira Virou; Mulher do Mato; Sinhá Rendeira; Ave Marias Cheias de Raça; Histórias de Dona Menina. É cronista do Jornal “Correio do Estado”. É membro da UBE/MS.

Título da obra: RECOLHIMENTO

Localidade: Campo Grande - MS

Taiane Figueiredo de Andrade

É natural do Rio de Janeiro (RJ) e auxiliar de comunicação social na Polícia Militar do Pará. Possui dois poemas publicados e participou de quatro concursos literários.

Título da obra: DESCONFORME

Localidade: Belém - PA

Nelson Nunes dos Santos Júnior

Natural de Belo Horizonte (MG), é formado em Jornalismo, mestre em Estudos de Linguagens e servidor público no CEFET - MG. Escreve desde os 13 anos de idade. Já trabalhou nos jornais *Diário do Comércio* e *O Tempo*.

Título da obra: AS AVENTURAS DE LAURA NO PAÍS DAS MARAVILHAS

Localidade: Belo Horizonte - MG

Neuzi Barbarini

Natural de Siqueira Campos (PR), psicóloga, professora de psicologia na PUC/PR, autora dos livros “Poesia de uma Mulher Comum”, editora Scortecci e “Inventário”, editora Patuá.

Título da obra: A RUA

Localidade: Curitiba - PR

Maria Beatriz del Peloso Ramos

Carioca, é professora de Literatura Brasileira e contista, conquistando prêmios e publicações de livros. É também membro da Sociedade Brasileira de Poetas Aldravianistas.

Título da obra: POÉTICA

Localidade: Maricá - RJ

Luís Pimentel

Baiano, reside no Rio de Janeiro. Tem livros publicados em vários gêneros.

Título da obra: O VERSO E A PROSA

Localidade: Rio de Janeiro - RJ

Jacqueline Lopes Salgado Soares

Nascida em Viçosa (MG), é graduada em Belas Artes pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), pós-graduada em História, autora de diversos livros, tendo sido contemplada com o prêmio Saraiva de literatura com o trabalho “Trocadilho”, que representou o Brasil na Feira do livro infantil e juvenil de Bologna, na Itália em 2016.

Título da obra: APENAS UM RIO

Localidade: Paula Cândido - MG

Thaís Limas e Sena

É professora e natural de São João del-Rei (MG). Escreve poemas e contos desde os 14 anos de idade.

Título da obra: ENTRE TINTAS

Localidade: Ouro Branco - MG

Cláudio Gonçalves Guadalupe

Nasceu em São João del-Rei (MG) em 1969. É educador e atualmente assistente na Biblioteca Municipal Ataliba Lago. Escreve desde 1980.

Título da obra: O SORRISO NEGRO DE MARIELLE

Localidade: Divinópolis - MG

Realização:



Prá-Reitoria de Extensão
e Assuntos Comunitários

